

XXIII AGE CRB
Brasília, 15 a 19/07/2013

Sinais e mediações que anunciam Vida

Reflexão sobre Lc 24,13-24

Delir Brunelli
delirbrunelli@gmail.com

Esta reflexão continua a abordagem iniciada por Pe. Élio Gasda, sobre a primeira parte do relato de Lucas a respeito dos discípulos de Emaús, e se concentra, principalmente, nos versículos 22-24:

É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deram um susto... Elas foram de madrugada ao túmulo e não encontraram o corpo de Jesus. Então voltaram dizendo que tinham visto anjos, e estes afirmaram que Jesus está vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram tudo como as mulheres tinham dito. Mas ninguém viu Jesus. (Lc 24,22-24).

Túmulo vazio... anjos... mulheres...

Foram muitos os sinais e as mediações que nos falaram de VIDA nesses últimos 50 anos, ou seja, após o Concílio Vaticano II.

No Brasil, a Vida Religiosa Apostólica deu passos significativos na opção pelos pobres, sob o impulso do Espírito, animada pelas propostas das Conferências de Medellín e de Puebla, e também pelas orientações da CNBB, CLAR e CRB. A expressão privilegiada da opção pelos pobres foi, sem dúvida, a inserção nos meios populares, mas outras formas também foram sinais proféticos: a presença ativa nas CEBs; a participação nas lutas em defesa dos direitos humanos, sociais e políticos; a busca por melhores condições de vida para os menos favorecidos; o compromisso com a paz e com a justiça socioambiental...

O despertar da consciência histórica e da consciência crítica possibilitou a encarnação na realidade de uma forma nova. Muitos meios e estratégias foram usados neste sentido, incluindo a contribuição de outras ciências. Foi um tempo fecundo de busca, aprofundamento, novas descobertas. A Palavra Deus, ouvida em novo contexto, iluminou todo o processo, e a Teologia da Libertação lhe deu legitimidade.

O caminho percorrido no pós-concílio permitiu à Vida Religiosa Apostólica redescobrir sua vocação missionária. Um deslocamento de eixo que mexeu com toda a constelação de elementos que compõem esse estilo de vida. Houve momentos de grande beleza, esperança e vigor apostólico. Chegamos a afirmar que a Vida Religiosa Latino-Americana tinha ultrapassado os limites de uma previsível adaptação ou atualização, e estava surgindo uma nova figura histórica. O termo "refundação", usado especialmente na década de 1990, teve este sentido.

Em 2001, no entanto, Pe. Carlos Palácio escrevia: "*Ao contemplar o que tem sido a evolução da Vida Religiosa nas quatro últimas décadas, chama-nos a atenção sua decidida vontade de se transformar para ser fiel às origens, e sua aparente incapacidade de ir até o*

fim ou, talvez, de chegar a formular onde reside seu verdadeiro problema para poder enfrentá-lo."¹

A Assembleia Geral Eletiva da CRB, em 2007, adotou como lema: *Diga a esta geração, avance!* (Ex 14,15). Naquela ocasião nos perguntávamos: a Vida Religiosa Apostólica terá coragem de entrar no mar fluido e disforme e fazer a travessia? Conseguirá despojar-se de velhas certezas e seguranças, para fazer novas alianças e parcerias, enveredar por outros caminhos?²

O seminário realizado pela CRB em fevereiro de 2012 confirmou o que foi repetido várias vezes nos últimos anos: o modelo de Vida Religiosa Apostólica que temos hoje está esgotado. O alvo que buscamos nas últimas décadas não foi atingido. Novamente Carlos Palácio dizia naquele seminário: *"A busca do 'núcleo identitário' do qual dependem o sentido, a razão de ser e o futuro da Vida Religiosa Apostólica não encontrou ainda uma resposta satisfatória. As mudanças e as reformas, por mais necessárias e importantes que tenham sido, se esgotaram em aspectos contingentes, nem sempre centrais, incapazes de levar-nos à reconstituição da identidade específica da Vida Religiosa Apostólica como tal, de maneira visível e significativa."*³

Por que não conseguimos dar os passos seguintes? Os discípulos de Emaús têm algo a nos dizer nesse aspecto?⁴

Equívoco na esperança

Nós esperávamos que fosse ele o libertador de Israel... (Lc 24,21).

Os discípulos não dizem *"não esperávamos que isso fosse acontecer"*, mas *"nós esperávamos que..."*. A decepção maior não é pelo que aconteceu, mas pelo que não aconteceu. Na esperança dos discípulos, Jesus resgataria o antigo Israel. Haveria paz, prosperidade, glorificação do povo judeu em meio às nações. Uma esperança em continuidade com a tradição, segundo o paradigma de vários séculos. Mas não era este o paradigma que regia a nova proposta de Jesus. Há um equívoco na esperança dos discípulos.

O que a Vida Religiosa esperava com a renovação pós-conciliar, com todos os passos que deu nesse período? Esperava manter ou recuperar o prestígio que tinha no final do século XIX e início do século XX? Esperava apoio e visibilidade social e eclesial? Esperava muitas novas vocações? Isso não aconteceu!

A Vida Religiosa Apostólica pré-conciliar gozava de uma ampla aprovação da sociedade e da Igreja institucional, e estava acostumada a obter êxitos. As grandes obras eram motivo de orgulho para as congregações religiosas, para a Igreja e para as próprias comunidades locais. Permitiam exercer o apostolado, garantiam a continuidade da cultura cristã e atraíam vocações.

As mudanças ocorridas após o Vaticano II, em especial na América Latina, não tiveram a mesma aprovação social. A opção pelos pobres, a inserção nos meios populares, a defesa dos direitos humanos e da justiça socioambiental... criaram tensões, resistências e até sérios conflitos. Fizeram mártires. Houve desaprovação de setores da Igreja e da própria Vida Religiosa.

A inserção ativa da Vida Religiosa Apostólica em comunidades eclesiais e a maior preparação bíblica, teológica e pastoral da Vida Religiosa feminina também não tiveram o desfecho esperado. O espaço eclesial mais fecundo, aquele das CEBs, foi se tornando raro ou fragilizado. Comunidades religiosas foram dispensadas do serviço pastoral nas paróquias e dioceses; outras permaneceram, mas tiveram que se ajustar a um espaço mais reduzido, a uma Igreja mais tradicional. Religiosos presbíteros preferiram passar para o clero diocesano.

A reflexão sobre a Vida Religiosa em suas várias dimensões foi abundante e provocativa. Houve um significativo avanço no conhecimento da realidade atual com seus grandes desafios missionários. As congregações, em geral, se empenharam no aprofundamento do próprio carisma. Mas também aqui há decepção. Esperávamos que a prática correspondesse mais à teoria, que realidade e sonho não estivessem tão distantes.

Se acreditamos que a Vida Religiosa Apostólica é chamada à comunhão de vida, missão e destino com Jesus, o que podemos, de fato, esperar?

Sinais e mediações com pouca credibilidade

O túmulo vazio pode ser um sinal? A palavra vinda de mensageiros de outras esferas e transmitida por mulheres pode ter crédito?

Os sinais mais fortes que chegaram até a Vida Religiosa Apostólica, nos últimos 50 anos, vieram através dos pobres, das periferias, de grupos mantidos à margem da sociedade, de leigos e leigas... Vieram do contato com outros povos e culturas, com outras expressões de fé. Vieram também do interior da própria Vida Religiosa.

Mas nem sempre foram sinais fáceis de serem compreendidos. Às vezes se manifestaram através de perdas, conflitos e insucessos e foram lidos a partir do paradigma do êxito, dominante na cultura atual. Isso impediu uma avaliação crítica mais serena a respeito da situação, e também descartou a possibilidade de entender os sinais em contexto pascal.

Outras vezes foram sinais mediados por pessoas e grupos que não gozavam de crédito suficiente nos padrões estabelecidos. Preconceitos impediram acolher as boas notícias. Pareciam loucura... Levariam a Vida Religiosa a perder sua identidade... Colocariam instituição e pessoas em situação de insegurança... Criariam ainda mais conflitos sociais ou eclesiais...

No rumo contrário

...iam para um povoado, chamado Emaús, distante onze quilômetros de Jerusalém (Lc 24,13).

A cruz provocou desesperança e levou os discípulos a retornarem a Emaús. Tudo indica que voltariam à rotina do cotidiano, deixando para trás a explosão de vida acontecida em Jerusalém, e a consequente missão.

Diante das muitas dificuldades atuais, não estaríamos cedendo à tentação de voltar às nossas aldeias de Emaús, sem enfrentar as perdas, sem perceber que elas podem ser nossa chance de fidelidade? Não seria o momento de rever nossa concepção de Reino de Deus e de seguimento de Jesus Cristo, e nos perguntar se a espiritualidade que cultivamos é capaz de nos sustentar nesse momento?

Se o investimento para consolidar a renovação da Vida Religiosa Apostólica – ou refundá-la – não obteve o êxito desejado, é grande a tentação de recuperar o que era sólido e seguro. Há também o risco de optar por uma vida estéril, deixando morrer completamente a semente fecunda que começou a brotar nas décadas passadas.

Entre si

Conversavam e discutiam entre si a respeito de tudo o que tinha acontecido (Lc 24,14-15).

O assunto não podia ser outro. Quando uma experiência nos marca profundamente, é sobre ela que desejamos falar. Os discípulos falavam sobre tudo o que tinha acontecido. Mas falavam e discutiam entre si...

Embora, nas últimas décadas, a Vida Religiosa Apostólica tenha manifestado maior abertura ao diálogo para além de suas fronteiras, pode-se perguntar se ainda não estamos muito “entre nós”, quando se trata de buscar entender o que está acontecendo. Essa conversa “entre nós” certamente é necessária, mas parece que não é suficiente.

A grande mudança que se operou nos discípulos de Emaús começou com a acolhida ao forasteiro. Mas Jesus não deixou de repreendê-los: “*como vocês costumam para entender e como demoram para acreditar*” (Lc 24,25). Isto significa que a mudança poderia ter iniciado bem antes, não fossem os preconceitos em relação às mediações e a cegueira em relação aos sinais.

O que nos dá esperança é que ainda se trata do mesmo dia, do *hoje*, embora ao entardecer. Então, que não caia a noite antes que possamos ouvir a Palavra que aquece os corações, antes que a partilha do pão nos abra os olhos. Só assim teremos coragem para retornar à origem, receber a força do Espírito e recriar nossa identidade apostólica partindo de novo em missão.

¹ PALÁCIO, Carlos. A Vida Religiosa pro-vocada. In: *Convergência* vol. 36, n° 339, jan/fev 2001, p. 14.

² Cf. BRASSIANI, Itacir. Introdução. In: ERT. *Vida Religiosa e espaços em transformação*. Documento Base para a XXI AGO. Publicações CRB, Rio de Janeiro, 2007, p. 12.

³ PALÁCIO, Carlos. Começar de novo. Por uma reconstrução da especificidade da Vida Religiosa Apostólica. *Convergência*, vol. 47, n° 453, jul/ago 2012, p. 467.

⁴ CRB. *Permanece conosco! (Lc 24,29)*. Subsídios para a XXIII AGE. Estudo, Reflexão e Oração. Brasília, 2013; F. OROFINO. O lento processo de abrir os olhos: uma visão geral de Lucas 24,13-35. In: *Vida Pastoral*, jan/fev 2009, p. 30-34.